

Culto ao corpo: as influências da mídia contemporânea marcando a juventude

Priscila Postali Cruz¹, Gabriela Nilson², Eliane Ribeiro Pardo³, André Oreques Fonseca⁴

Corpo; mídia; feminino

ST 48 – Corpos e identidades midiáticos: o discurso das revistas femininas (impressas, eletrônicas e digitais) em pauta

1. Olhares sobre um corpo feminino adolescente

A atual forma como a modelagem corporal vem sendo abordada pelos meios de comunicação cresceu de forma gigantesca, e o corpo feminino está sob os holofotes há um bom tempo; antes as preocupações eram comportamentais, agora a imagem está à frente de qualquer objetivo. Portanto, nada mais atual do que a adoração desenfreada pelo corpo magro e o efeito cascata que é desencadeado por esta adoração.

Este artigo é resultado de uma prática de ensino docente, vivenciada durante os meses de dezembro de 2006 a março de 2007, durante estágio de final de curso⁵.

Era espantoso o fascínio que as alunas desprendiam acerca de assuntos que relatassem novidades em modelos de roupas, em dietas novas publicadas em revistas, pesos e medidas que gostariam de diminuir e o que mais causou estranhamento foram conversas sobre uso de medicamentos para perda de apetite. Portanto nada mais adequado que problematizar e contextualizar essa situação neste artigo.

Em um mundo onde os adolescentes passam e a vaidade não se esconde mais por trás dos pilares de concreto, é impossível não perceber que a modelagem corporal e a preocupação com a forma física transpiram atreladas aos pensamentos de cada jovem que caminha nos corredores da vida.

Muitos jovens, por influências do mundo que está a sua volta, acabam preocupando-se demais com a aparência física, buscando, assim, um modo de alinhar-se com o que a sociedade mostra ser mais correto e aceitável. Tal busca pelo aceitável acaba sendo distorcida, muitas vezes, pelos jovens, que de qualquer maneira querem se enquadrar ao estilo de corpo que chamamos de “escultural”.

A mídia tem uma grande parcela de responsabilidade nessa distorção dos conceitos de “corpo belo” e “corpo não belo”, afinal está aí para quem quiser ver e ouvir programas de televisão que mostram homens e mulheres com seus corpos perfeitos e músculos a mostra. Esses programas só ajudam a reforçar o narcisismo contemporâneo e a sociedade capitalista, onde tudo está à venda,

basta querer e poder. Produtos que auxiliam na redução de peso, medicamentos para reduzir o apetite; esteróides anabolizantes sendo vendidos livremente sem qualquer dificuldade para quem quer comprar.

Cuidar do corpo é muito bom, querer um corpo magro e belo também é bom, mas os limites que se tem ultrapassado para a conquista deste corpo é que devem ser avaliados e discutidos. Exageros têm sido vistos e isso é o que deve ser criticado. Quanto educadores do corpo, vemos tudo isso como uma crise sem fim, construída por todos nós. A sociedade abraça conceitos e a aceitação é sempre mais fácil do que a negação.

Abordar o tema corpo nesse artigo tem como objetivo mostrar o quanto a mídia produz a subjetividade feminina adolescente definindo suas maneiras uniformes de agir, pensar, vestir e, o que é mais complexo ainda, sua maneira de desejar. Discutir como os meios de comunicação interpelam as vontades destas jovens, as conseqüências e os riscos que as adolescentes correm para alcançar o corpo desejado; e mostrar o poder da mídia como formadora de opinião que é.

2. A mídia “cuidando do corpo”: quando perdemos nossa identidade

É evidente nos últimos anos, a preocupação que os jovens têm com seu corpo, esta realidade atinge não uma, mas todas as classes sociais; percebe-se também a grande influência dos meios de comunicação como formadores de opinião desses jovens sobre si mesmos. Cada vez mais os programas de televisão, revistas e jornais têm dedicado um espaço maior para mostrar novidades em setores de cosméticos, de alimentação e vestuário. Propagandas veiculadas estão o tempo todo tentando vender o que não está disponível em nossos dias: sucesso e felicidade.

Tanto a mídia impressa, quanto a televisão são meios de comunicação muito difundidos entre a juventude, onde o acesso às informações é ilimitado e, geralmente, com o aval dos pais que proporcionam tais “regalias” a seus filhos, como assinaturas de revistas e canais de tv.

O mercado oferece tecnologias variadas para a conquista do corpo desejado, desde esteróides anabolizantes, suplementação alimentar, medicamentos para acelerar o emagrecimento, até cirurgias plásticas para retirada de gorduras localizadas, correção estética e, principalmente próteses de silicões. São infinitas as formas de arquitetar a beleza artificial que as clínicas, farmácias e até mesmo canais especializados em tele-vendas oferecem, mas tudo tem um preço a se pagar, e às vezes paga-se com a vida. Essas tecnologias estão aí e sendo incentivadas abertamente, de uma forma perigosa, pelos meios de comunicação mais procurados pelos jovens. Estão no topo dessa procura programas de auditório voltados para o público jovem e revistas especializadas, também neste público.

A banalização do corpo na era contemporânea nos imprime uma grande responsabilidade, pois somos facilmente influenciados por terceiros. As modas vêm e vão, e somos marionetes tanto nas mãos de grandes empresas da mídia mundial, como de empresas do vestuário que se aproveitam das propagandas vinculadas pelos meios de comunicação e lançam estilos de vestir estereotipados e sem criatividade. Apenas uma mera cópia do que se vê em programas e propagandas.

Programas de televisão como “O Caldeirão do Huck” reforçam a idéia de que os “personagens” do programa com seus corpos malhados e sempre sorrindo, são felizes. Para as meninas, a imagem das assistentes de palco do apresentador dançando com o corpo a mostra reflete em seu imaginário uma vontade de ser como elas (as assistentes de palco), distorcendo, muitas vezes, o comportamento destas jovens.

A mostra desses corpos esguios e musculosos acabam por interferir no modo das adolescentes perceberem seu próprio corpo, assim distorcendo as idéias de amor próprio e incentivando o narcisismo exagerado. Há uma identificação das jovens com um personagem, que sorrindo passa a impressão de juventude, felicidade e realização profissional. Portanto as meninas desejam ser como seus ídolos.

A mídia escrita mostra-se mais sensacionalista quando se percebe a grande valorização do estilo atlético que algumas revistas impõem a seu público, geralmente voltadas para a leitura feminina.

A revista *Capricho* faz comparações entre meninas com a mesma aparência física, diferenciando-as nos cuidados que cada uma tem com seu corpo. Diferenciando meninas que mantém hábitos de vida saudáveis e meninas que não se preocupam com sua alimentação ou em ter os hábitos saudáveis, fazendo, assim a leitora crer que uma menina é melhor que a outra.

(...) a boa forma passa a ser considerada uma espécie de melhor parte do indivíduo e que, por isso mesmo, tem o direito e o dever de passar por todos os lugares e experimentar diferentes acontecimentos. Mas aquilo que ainda não é boa forma e que o indivíduo considera “apenas” o seu corpo, torna-se uma espécie de mala por vezes incomodamente pesada, que ele necessita carregar, embora muitas vezes ele queira escondê-la, eliminá-la ou aposentá-la. Durante séculos o corpo foi considerado o espelho da alma. Agora ele é chamado a ocupar o seu lugar (...) (Sant’Anna, 2001, p. 108).

Na capa de 16 de maio de 2004, a revista *Capricho* faz alusão à atriz Daniele Suzuki com o título que diz: “Dani-se, revista *Capricho* lança campanha para todo mundo ser como a Daniele Suzuki: Alegre, Fofa e Cheia de Atitude”. A revista incentiva as leitoras a ser outra pessoa, o que se pode supor ser um festival de incentivo a falta de personalidade.

O que mais podemos perceber nas edições da revista *Capricho* são imagens de adolescentes e mulheres magras, esguias, brancas; em nem sequer uma das revistas lidas e relidas pode-se encontrar a imagem ou alusão a adolescentes, mulheres gordas. Talvez possa ferir os ideais e intenções de vendas da revista, pois se o interesse é vender a imagem da beleza magra, como

colocar uma foto, ou escrever alguma linha sobre jovens que não cuidam de seu corpo. Abordar a anorexia já é um fardo menos pesado a se abordar, pois muitas modelos lêem essa revista, discutir o tema anorexia é também tratar do excesso da imagem magra.

(...) Agora não estamos mais usando espartilhos, mas impondo inconscientemente uma armadura cultural ao nosso corpo, achando que assim vamos viver mais felizes. Assim esperamos conseguir ser mais “atraentes” do que os outros. Com certeza a nossa aparência externa condizente com atuais normas, nos leva a uma aproximação com outros. (IWANOWICZ, 1994, p.71).

O modernismo contemporâneo trouxe consigo o capitalismo desenfreado, onde tudo está à venda, incluindo o corpo. O consumismo gerado pela mídia transforma as adolescentes em alvo principal para vendas, desenvolvendo os tais modelos de roupas estereotipados; a indústria de cosméticos lançando a cada dia uma nova fórmula, com cremes e gel redutores para eliminar as “formas indesejáveis” do corpo e a indústria farmacêutica faturando alto com medicamentos que inibem o apetite.

As meninas, com as facilidades que estão à venda, acabam caindo fácil na rede das “soluções” rápidas para ter um físico perfeito mais rápido e sem esforço. Isso nos faz deparar com um problema bastante comum: os medicamentos para perda de apetite, as famosas anfetaminas, que combinadas com dietas (ditas milagrosas) proporcionam perda de peso muito rápido, e de saúde também.

A procura do corpo perfeito tem ultrapassado muitos limites, pois esse corpo almejado acaba pagando preços nem sempre muito baratos. Para as jovens já não basta apenas ser saudável, a procura não é mais somente pela beleza ou querer estar na moda; a eterna juventude está superestimada e associada ao “final feliz”.

Inserido no seqüestro da subjetividade feminina sobre a imagem de si, percebemos dois extremos do culto do corpo, anorexia e obesidade, um verdadeiro cabo de guerra onde nenhum dos lados sai vitorioso.

Em um dos lados a anorexia, um distúrbio alimentar que provém da distorção da auto-imagem. É muito comum em jovens do sexo feminino no início da fase adolescente e que estão imersas do mundo da modelagem corporal e tem uma preocupação extremada com a aparência física.

No início dos anos 80 fez sua primeira vítima no mundo das celebridades, a cantora Karen Carpenter que morreu por complicações da doença, estava com apenas 40 kg. Deste modo a anorexia foi caminhando a passos largos; e o corpo magro, de preocupação superficial passou a ser visto como obsessão, e assim vem provocando sérios problemas entre as adolescentes que preferem impor a seus corpos um jejum sem fim, sempre sabendo que está a brincar com sua saúde.

O que causa o início da privação de alimentos pelas jovens é difícil de saber, mas fica fácil perceber que a convivência com a imagem de si torna-se insuportável, tanto que espelhos acabam transformando-se em inimigos a serem desprezados, companhias já não são bem vindas e a depressão, por fim, torna-se a melhor companheira da menina que já não percebe o mergulho em um mundo obscuro e perigoso.

No outro extremo do culto ao corpo está a obesidade, onde o gordo tornou-se excluído do mundo dos belos; é desprezado pela sociedade e por si. Na obesidade o peso do corpo não é somente uma balança medindo quilos, não é uma fita métrica que enumera um tamanho. Na obesidade jaz um ser que é abominado, um ser negado pela beleza. E sem o direito à felicidade.

Segundo SANT'ANNA (2001), “Numa sociedade que, desde pelo menos a década de 1920, começou a nutrir uma franca aversão pelos gordos, a paixão tende a se transformar num bem exclusivo daqueles considerados esbeltos”.

Ainda relatando SANT'ANNA (2001), durante o reinado de Luís XV, no século XVIII, a palavra esbelto nem existia, gordura era formosura; os mais famosos pintores retratavam fartas mulheres, e a magreza vista com desconfiança.

A obesidade hoje em dia é vista como problema de saúde pública, tamanho é o crescimento da população considerada obesa, segundo pesquisas da Universidade de Brasília (UnB), nos últimos 30 anos a população considerada obesa cresceu 255%, alcançando cerca de 610 mil pessoas.

Uma luta covarde contra a balança. Esse é o sentimento de quem está dentro desta guerra; que tipo de batalha trava um obeso mórbido contra essa máquina que condena quem está a seus pés? Obesidade mórbida, um nome que se dá a uma vida, cujo fardo a carregar é mais pesado que seu próprio peso. É uma vida fadada à morte social, moral.

Se hoje, ser bela é ser magra, qual colocação tem a mulher obesa, onde se coloca uma adolescente gorda? Estas estão enclausuradas em si, com suas ansiedades povoadas de sentimentos autopunitivos – comer – e com a auto-estima derrotada. Desejos reprimidos pelo mundo dos belos e magros.

Não há lugar onde uma adolescente obesa se encaixe, pois o culto do corpo também detém o nome de culto da aparência, e dentro deste contexto é preciso estar e ser a moda, mergulhar no meio cujo ideal é ser vista, visada, estar retendo atenção, e isso tudo é o que uma menina acima de seu peso não quer.

Se colocarmos anorexia e obesidade mórbida lado a lado o que vamos observar são doenças duas doenças extremas, as quais existem somente para arrecadar, a cada dia, mais jovens ao seu rebanho. Umas acham-se gordas e cessam a alimentação de forma a eliminar por completo tal necessidade, outras, tristes por estarem gordas, não cessam. Dois grupos correndo juntos para uma linha de chegada onde não há glória.

3. A cautela valoriza o corpo e a saúde

Onde se perde o limite do próprio corpo, perde-se também o respeito por ele. Na verdade certos limites não foram feitos para ser ultrapassados, apenas valorizados. A cautela para seguir algum conceito distribuído pela mídia é sempre a atitude mais acertada, nosso corpo nunca vai responder a algum estímulo igual ao que respondeu o de outra pessoa.

Somos singulares na forma de pensar, agir e responder. Perder essa singularidade nos torna plural; deixamos, assim, de ser um para ser qualquer um. A mídia quer vender o que, às vezes, não se pode comprar. A verdade das informações que se propagam pelas revistas e caem na credibilidade das adolescentes é a de que se é feliz quando se é belo. E se a beleza tem sido vista como sinônimo de felicidade cabe aqui deixar registrado, que talvez nesse caso, “dinheiro não compra felicidade”.

Se pensarmos que a tecnologia com seus inúmeros métodos para modificar o corpo, realiza os sonhos de muitas meninas, não podemos deixar de expor que muitos desses métodos acabam deixando seqüelas graves. Próteses de silicone de má qualidade, por exemplo, podem acabar provocando deformidades irreversíveis.

A prudência é o valor que ajuda a reflexão e a consideração dos efeitos produzidos por nossas ações e palavras. A falta dela, ou a impulsividade trará sempre conseqüências em todos os níveis. A prudência é aquela virtude que preza pela integridade e salvaguarda as aspirações humanas. (GUZZO, 2005, p. 149).

Se respeitássemos nossos limites, talvez não ouvíssemos cada vez mais seguidas, notas de jornais relatando mortes de meninas por anorexia ou bulimia, doenças resultantes da intensa busca por um corpo mais magro, espelhado em top models ou super heróis.

De acordo com DAMICO e MEYER (2006) “Para estarmos sintonizados com a “nova ordem social” do corpo projeto é preciso que todos nós aprendamos sobre as mudanças quanto ao que precisa ser cuidado, quanto ao modo de cuidar e no que se espera ser ao cuidar de si.”.

O que precisa ficar claro é que os tempos são outros e as informações são muitas, basta sabermos o que fazer com tudo isso. Ter consciência do que pode ser bom ou ruim, pensar que um corpo magro e com músculos definidos não pode ser o único objetivo pelo qual se vive. Colocar a saúde e a qualidade de vida em primeiro plano pode ser a melhor idéia, pois se pensarmos que sua conseqüência será um corpo mais leve, não apenas esteticamente falando; livre do peso de uma leveza obscurecida pela escravidão que a sociedade contemporânea e a mídia nos impõem.

4. Referências Bibliográficas

BRUHNS, Heloísa T., IWANOWICZ, Bárbara (org) et al. Conversando sobre o corpo. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARBINATTO, Michele e MOREIRA, Wagner Wey. Corpo e saúde: a religação dos saberes. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 27, n. 3, p. 185-200, 2006.

CASTRO, Ana Lúcia de. Culto ao Corpo, Modernidade e Mídia. Disponível em: www.efdeportes.com/efd9/anap.htm. Acesso em: 13 setembro 2007.

CROITOR, Cláudia. Japa Lôka. Capricho. São Paulo: Editora Abril, n. 940, 16 mai. 2004.

DAMICO, José Geraldo e MEYER, Dagmar Estermann. O corpo como marcador social: saúde, beleza e valorização de cuidados corporais de jovens mulheres. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 27, n. 3, p. 103-118, 2006.

FIGUEIRA, Márcia Luíza e GOELLNER, Silvana Vilodre. A promoção do estilo atlético na revista Capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 26, n. 2, p. 87-99, 2005.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Sentir, Pensar, Agir Corporeidade e Educação, 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

GUZZO, Marina. Riscos e desejos de um corpo arquitetado. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 27, n. 1, p. 139-152, 2005.

LOURO, Guacira, FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MELO, Janete Gonçalves da Silva. Culto do Corpo & Cultura da Televisão. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em: 18 dezembro 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea, São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2001.

SOARES, Carmen Lúcia (org.). Corpo e História. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

WEINBERG, Cybelle e CORDÁS, Takí A. Do altar às passarelas: da anorexia santa à anorexia nervosa. São paulo, SP: Editora Annablume, 2006.

TERRA, Redação. Transtornos Alimentares: Anorexia. Disponível em: www.saude.terra.transtornosalimentares/interna/0,,OI12811752-EI8011,00.html. Acesso em: 6 de maio de 2008.

TERRA, Redação. Estudo: obesidade mórbida cresce 255% em 30 anos. Disponível em: www.noticias.terra.com.br/interna/0,,OI2424179-EI715,00.html. Acesso em: 6 de maio de 2008.

¹ Mestranda (o) em Educação Física – Esef/UFPeL.

² Graduada em Educação Física – Esef/UFPeL.

³ Prof^a. Dra. - Esef/UFPeL.

⁴ Mestranda (o) em Educação Física – Esef/UFPeL.

⁵ Estágio ao qual foi desenvolvido no Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas (CEFET-RS), onde uma turma de 16 meninas do 3º ano do ensino médio foi-me atribuída. A escolha do tema deste artigo vinha saltando-me aos olhos, mas foi preciso alguns dias de reflexão, afinal para um trabalho que fará parte de um fechamento e de uma longa, mas especial etapa, não poderia ser um tema pelos quais alguns princípios não estariam sendo testados como pessoa e como profissional. A turma de meninas onde se desenvolveu o estágio foi escolhida ao acaso, porém não poderia ter sido uma escolha mais acertada. Com alguns dias de convivência pude perceber o quão vaidosas as meninas eram. Todas chegavam bem arrumadas, maquiadas e com brincos enormes nas orelhas, trocavam-se no vestiário e caminhavam para a aula.